



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE
ALAGOAS-UFAL
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS -
ICS
LICENCIATURA EM CIÊNCIAS
SOCIAIS**



RELATÓRIO DE ENSINO

LICENCIATURA EM CIÊNCIAS SOCIAIS

MACEIÓ, AL

Fevereiro, 2018



UNIVERSIDADE FEDERAL DE
ALAGOAS - UFAL
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS -
ICS
CURSO DE
LICENCIATURA EM CIÊNCIAS
SOCIAIS



FRANCISCO ALBERTO DE ARAÚJO COSTA JÚNIOR

RELATÓRIO DE ENSINO

Relatório de Ensino
apresentado como pré-
requisito para a conclusão do
Curso de Licenciatura em
Ciências Sociais do Instituto
de Ciências Sociais – UFAL,
sob a orientação da Prof.
Evelina Antunes F. de
Oliveira. O relatório é o
produto de todas as ações de
estágio que foram realizadas
durante a vigência do curso
(Estágios Supervisionados 1,
2, 3 e 4)

Maceió, AL

Fevereiro, 2018

BANCA EXAMINADORA

Evelina Antunes F. de Oliveira
(Orientadora)

Cristiano das Neves Bodart
(Avaliador)

Welkson Pires
(Avaliador)

Maceió, AL

Fevereiro, 2018

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS.....	05
INTRODUÇÃO.....	06
METODOLOGIA.....	07
APRESENTAÇÃO DAS ESCOLAS.....	09
O ENSINO DE SOCIOLOGIA: HISTÓRIA E OBSERVAÇÃO.....	10
O COTIDIANO DAS ESCOLAS.....	16
CARACTERIZAÇÃO DAS TURMAS.....	17
OBSERVAÇÃO EM SALA DO USO DE TEMAS E CONCEITOS ANTROPOLÓGICOS E SOCIOLOGICOS PELOS PROFESSORES E ALUNOS.....	18
A EDUCAÇÃO SEGUNDO OS CLÁSSICOS DA SOCIOLOGIA: DURKHEIM, WEBER E MARX	21
O CONTEÚDO DA REGÊNCIA.....	22
7.1.Observações.....	22
7.1.1. Estágios 1 e 2.....	22
7.1.2. Estágio 3.....	23
7.1.3. Estágio 4.....	24
AUTOAVALIAÇÃO.....	30
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	31
REFERÊNCIAS.....	32
ANEXOS.....	33

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a meus pais, por apostarem em mim quando recomecei essa nova jornada em busca de uma formação mais completa e de um outro olhar sobre a educação e a pedagogia, além de já terem percebido desde antes meu gosto pela sala de aula. Agradeço a professora Evelina pela orientação e correções necessárias à qualidade do trabalho, assim como a todos os professores em geral pelo acompanhamento de minha estadia na licenciatura.

Agradeço também aos colegas de trabalho em Ciências Sociais que, em diversos encontros e reencontros, tive a oportunidade de ter trocado ideias importantes sobre nossas experiências na licenciatura. Ao mesmo tempo pude aprender bastante nesses anos, aumentando meu conhecimento e me apropriando dos instrumentos necessários não só para ensinar, mas para compreender a educação em sua totalidade, a partir de suas contradições, ao contrário dos que em tempos difíceis pregam um ensino “neutro”. É a partir da compreensão dessas contradições que é possível compreender a atividade do professor de ciências humanas, especialmente de Sociologia, como uma luta constante pelo espaço da disciplina.

Por último, mas não menos importante, agradeço a todos os movimentos sociais em defesa da educação pública. Pois compreendo a motivação deste trabalho não apenas como individual, mas coletiva, pois não deposita ilusões em um ensino afastado da sociedade real e das contradições sociais em que vivemos em tempos onde precisamos dizer o óbvio enquanto professores.

INTRODUÇÃO

Este relatório tem por objetivo registrar e analisar minhas atividades durante as quatro disciplinas de Estágio Supervisionado no curso de Licenciatura em Ciências Sociais (ICS/UFAL).

Há cerca de 5 anos, entrei pela primeira vez em uma sala de aula como professor de Filosofia e Sociologia na rede particular de ensino em Maceió, já concluindo minha graduação em bacharelado Ciências Sociais, em 2013. Neste trabalho, consegui apreender muitos aspectos importantes do trabalho do professor nas ciências humanas em geral, e a especificidade de quem as ministra, especialmente sendo professor de uma disciplina que assim como a Filosofia, ainda se encontra em estágio de consolidação tanto no aprofundamento dos debates curriculares quanto na visão que setores amplos da sociedade possuem da disciplina, muitas vezes no sentido da desvalorização: trata-se do ensino de Sociologia.

Ser professor, como aponta Paulo Freire (1996;2001), é estar a todo instante fazendo uma autocrítica de seu método avaliativo e de interação com os alunos, a fim de otimizar o aprendizado. Isso pressupõe não só fazer com que os alunos aprendam os conteúdos ministrados pela disciplina em questão, no caso, a disciplina de Sociologia. Também envolve compreender na prática a “mediação pedagógica” tão falada entre os estudantes e professores dos curso de licenciatura. No campo da Sociologia, isso envolve tornar sempre que possível a aula dialogável com a vivência do aluno, contextualizando os conceitos que são vistos na graduação (problematização, estranhamento, etnocentrismo, alteridade, etc.) para a vida cotidiana dos alunos.

METODOLOGIA

A metodologia a ser utilizada neste relatório possui caráter descritivo e diz respeito às minhas experiências nos Estágios 1, 2, 3 e 4, tanto de observação e experiência com as turmas das duas escolas onde estagiei, a Escola Estadual Aurelina Palmeira de Melo, localizada no bairro do Vergel, onde fiz os dois primeiros estágios à noite, e a Escola Estadual Dr. José Maria Correia das Neves, onde fiz o estágio 3 no período noturno e o estágio 4 no período da manhã. Observei particularmente a participação dos alunos e das alunas em sala de aula, assim como os procedimentos adotados pelos professores. Na parte que trata dos instrumentos sociológicos e antropológicos para o professor e alunos em especial irei apresentar um pouco do que funcionou e do que não funcionou e do que eu aprendi para contribuir com minha própria prática docente.

Participar nos estágios e se debruçar permanentemente sobre eles nos aportes teóricos da disciplina e na prática docente é observar a prática docente de forma contínua, se partirmos desse ponto. Ou seja, os aportes do curso e as discussões que vemos com frequência sobre as teorias sociológicas clássicas e contemporâneas são importantes mas não o suficiente para um trabalho qualificado ao nível de um curso de licenciatura. Não pretendo dizer que as disciplinas a serem ministradas no decorrer do curso não são suficientes para a formação de professores de Sociologia, pelo contrário. As disciplinas, tanto específicas do curso como as disciplinas pedagógicas nos fornecem coordenadas imprescindíveis, mas pretendo enfatizar o relatório como cumprindo um papel fundamental de deixar um registro sobre a prática docente e sua evolução por meio dos estágios.

Percorri diversos caminhos a depender das atribuições de cada estágio. Nos estágios 1 e 2 a tarefa foi observar as aulas e analisar o Livro Didático de Sociologia adotado em cada escola. Nos estágios 3 e 4 parti para a observação e regência. Dessa maneira pude verificar as diferenças não só entre as turmas, mas entre os professores que ministravam a disciplina e sua condução da aula, assim como a organização das escolas aqui descritas.

APRESENTAÇÃO DAS ESCOLAS

Como duas escolas da rede estadual de ensino elas possuem várias características comuns, mas também apresentam suas diferenças. Apresentamos a seguir alguns indicadores levantados durante os Estágios e apontamos as lacunas quanto às informações que poderiam ser também importantes.

Quadro 1-Matrículas, professores e equipamentos das escolas observadas.

	E E. Aurelina Palmeira	E.E. Dr. José Maria Correia das Neves
Nº de matrículas	-	-
Nº de professores efetivos	31	-
Nº de professores temporários	30	-
Laboratório de Informática	Sim	Sim
Biblioteca	Não	Não
Data-show	Sim	Sim
Televisão	Sim	Sim
Quadra de esporte	Não	Sim
Área de convivência (auditório, pracinha, jardim).	Sim	Sim

Fonte: dados coletados pelo autor em 2016 e 2017. As informações ausentes não me foram fornecidas pela direção das escolas e não me foram cobradas durante os Estágios.

Ambas as escolas se localizam em bairros adjacentes à periferia, em regiões próximas de classe média baixa. Na época, a primeira escola em questão não tinha prédios em um bom estado, visto que ela suspendeu as aulas durante uma semana para fazer algumas reformas no prédio. A rua em que a escola se localizava é muito deserta durante à noite, sendo necessário que alguns professores que não morassem na área fossem de

carona ou algum outro meio de transporte, pela inexistência de um ponto de ônibus perto da escola. O uso da biblioteca não era muito incorporado ao cotidiano das aulas. Razão pela qual nos dois primeiros estágios eu não cheguei a ter contato com outros meios de exposição do conhecimento em Sociologia, como o data-show. Apesar de ter uma administração que tenta o possível para manter a instituição é uma escola com muitos alunos à noite para a modalidade de ensino Educação de Jovens e Adultos-EJA.

Os problemas do sistema educacional público no Brasil, onde se destaca a desvalorização do professor e a falta de financiamento para a aquisição e a manutenção de equipamentos e prédios são decisivos para compreender aspectos mais localizados da questão, e quando tratamos das aulas de Sociologia esses problemas se agravam, como a falta de equipamentos audiovisuais. Soma-se a isto a especificidade da Sociologia que é o fato da disciplina ainda estar em processo de consolidação tanto institucional quanto social, o que quer dizer pouca visibilidade no currículo escolar e pequeno reconhecimento social.

Vale notar que ambas as escolas refletem aspectos socioeconômicos da realidade dos alunos. Essas escolas costumam ter uma dinâmica própria e uma diferença marcante com as instituições privadas. Várias turmas de uma mesma série em diferentes faixas etárias, mas com um perfil social muito parecido. No EJA estão os alunos mais velhos, como iremos ver adiante ao descrever o perfil dos alunos mais detalhadamente. No ensino médio regular são mais jovens, e sua dinâmica de aprendizado varia no contexto de cada turma.

Os alunos também refletem muito do meio em que vivem. Muitos são moradores de bairros de periferia nos dois turnos em que funciona o ensino médio (manhã no caso do ensino médio regular, que é o período aqui estudado, e no período noturno, onde funciona o EJA nas escolas). Também é possível perceber uma juventude mais atenta aos debates sobre

direito às identidades, sejam elas feminista, negra ou LGBT. Isso vale tanto para o turno da noite quanto o turno da manhã, embora neste último isso se expresse em maior grau.

O ENSINO DE SOCIOLOGIA: HISTÓRIA E OBSERVAÇÃO

O que significa pensar o trabalho do professor de Sociologia nos dias atuais? Por que é significativa a inclusão obrigatória da disciplina através da lei em 2008 (lei 11.684) na educação básica e como ela se reflete nas escolas publicas e privadas?

É preciso responder a essa pergunta através de dois percursos: um do ponto de vista histórico, e outro, do ponto de vista da institucionalidade escolar.

O primeiro se traduz no percurso histórico da disciplina Sociologia no ensino médio. A Sociologia foi uma disciplina marcada por idas e vindas, pela presença e pela ausência de sua obrigatoriedade no currículo escolar, a depender da situação concreta no quesito social e político, que variou conforme o momento histórico, estando ausente como componente curricular obrigatório entre 1940 e 2008. Nas primeiras reformas educacionais importantes neste grau de ensino, desde o final do século XIX, ocorreu o predomínio de intelectualidade brasileira pré e pós-Proclamação da República que bebeu da fonte positivista, o que constituiu fator essencial nas políticas educacionais, muitas vezes conduzida por uma elite intelectual de formação européia.

Especialmente em 1870, como afirma Cigales (2014), Rui Barbosa, em seus projetos para uma reforma do ensino, sugere a inclusão de “Elementos de Sociologia e Direito Constitucional” e “Instrução moral e cívica”, disciplinas com elementos ligados ao pensamento social, nos dois níveis de ensino básico, e a disciplina de Sociologia de fato para as faculdades de Direito.

Com as reformas Rocha Vaz (1925), Francisco Campos (1931) e Capanema (1942), a disciplina passou por continuidades e

descontinuidades em relação a inclusão no currículo, de modo obrigatório. Durante um bom tempo ficou restrita aos cursos superiores e secundários de formação de professores em 1946, em uma situação de possibilidades objetivas da institucionalização da Sociologia não só enquanto disciplina, mas enquanto um saber autônomo das ciências jurídicas e sociais até então existentes e ligadas ao Direito. A Sociologia voltará a ser debatida e organizada no cenário educacional brasileiro a partir de 1996, cujo presidente de então, Fernando Henrique Cardoso, vetou a obrigatoriedade da disciplina, chegando a 2008, quando se instituiu a obrigatoriedade da Sociologia na educação básica. (CIGALES, 2014)

A sociologia enquanto disciplina escolar no Brasil esteve caracterizada pela ausência e presença no currículo educacional do país. Isso se deve ao fato das disciplinas estarem orientadas por meio da legislação, sendo esta que determinaria quais disciplinas deveriam constar na grade curricular de cada modalidade de ensino. No entanto, esta trajetória foi heterogênea, diferenciando-se em dois sentidos, o primeiro refere-se ao poder dos Estados, que em certos momentos tiveram a oportunidade de incluir disciplinas as quais acreditavam necessárias. (CIGALES, 2014, p.62)

O segundo caminho é através do estudo histórico das experiências da disciplina, procurando compreender o quanto a Sociologia carece de consolidação nos debates curriculares e na própria visão que os alunos e professores possuem acerca da disciplina. No contato com alguns professores, através de conversas informais em corredores da escola, pude problematizar este olhar.

No ensino de Sociologia os desafios são inúmeros: desde os mais gerais de todo professor no Brasil, que é dar aula para turmas lotadas, com cerca de 35 a 40 alunos, ou mais, em uma aula por semana de cerca de 50 minutos (40 minutos no caso do EJA, seja ele em formato de supletivo ou em períodos), e as dúvidas dos alunos que sempre se questionam: “para que

Sociologia?”, “ o que isso vai influenciar de maneira prática em minha vida”? O mesmo ocorre com a Filosofia, contudo, aqui tratamos da Sociologia.

Durante os estágios convivi com diferentes professores que estavam ministrando a disciplina. Destaque importante foi para a formação dos professores dos 4 estágios. À exceção de uma professora, que era formada em Ciências Sociais, com mestrado em Antropologia, as outras três eram graduadas em Pedagogia. Grande parte tinha pós-graduação em áreas afins dentro do campo da pedagogia e magistério e todas trabalhavam em regime de contratação temporária (monitoria).

A primeira professora com que trabalhei os estágios 1 e 2 estava dando aula de Sociologia pela primeira vez para turmas de EJA da Escola Aurelina Palmeira de Melo. Tivemos uma convivência tranquila e conseguimos formar uma boa equipe principalmente por ela estar aprendendo alguns conceitos que os mais familiarizados com a disciplina, independente da formação, já tem um certo conhecimento. Na prática, eu observava as aulas e ensinava a ela em muitos casos, por fora da sala, sugerindo outro modo para a condução da aula, pois a mesma não se sentia estimulada a dar aula para ensino médio regular ou EJA, tendo como principal experiência o ensino em séries iniciais (1º a 5º anos). Posteriormente eu soube que a professora pediu para sair de lá e retornou ao ensino infantil.

A segunda professora, com a qual trabalhei no Estágio 3, era formada em Pedagogia com uma pós-graduação na área empresarial. Ela tinha um bom domínio dos conteúdos, diferente da professora anterior, por causa da experiência de anos no ensino médio e EJA. Também ensinava como monitora em duas escolas e conhecia os Parâmetros Curriculares Nacionais- PCNs e Orientações Curriculares Nacionais- OCNs. Não tinha conhecimento dos debates sobre o Referencial Curricular da Educação

Básica-RECEB. Conhecia bem os alunos e tinha uma boa relação com eles, pois através dela pude compreender melhor a dinâmica do EJA e seus objetivos (lembrando que apenas o Estágio 4 não ocorreu em turma de EJA).

Durante o Estágio 4 ocorreu alguns percalços institucionais, como a lenta indicação da escola, o que me levou a dar continuidade no estágio na E.E. Dr. José Maria Correia das Neves. A professora anterior tinha saído da escola e acabei acompanhando duas professoras no turno matutino. Uma professora ensinava todas as turmas do terceiro ano e todas as turmas noturnas , e a outra foi responsável pelas turmas do primeiro e do segundo anos da manhã.

A professora dos primeiros e segundos anos da manhã é formada em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Alagoas, sendo efetiva em uma escola estadual em Marechal Deodoro, em decorrência do último concurso da SEDUC-AL, em 2013, e monitora onde eu estagiei. A professora é mestre em Antropologia Social pela UFS, demonstrando desde o início do estágio sua preferência pelos temas antropológicos.

A professora dos terceiros anos (manhã) e do Médio EJA de Sociologia (à noite), é formada em Pedagogia. Com longa experiência como professora por mais de 30 anos, ministrou as disciplinas Sociologia, Filosofia e outras de Humanidades, incluindo turmas no ensino superior.

Ambas as professoras desenvolveram uma boa gestão da sala de aula e demonstraram domínio dos conteúdos, o que geralmente não ocorre, quando não são formados em Ciências Sociais. Muitas vezes o próprio livro didático apresenta pela primeira vez alguns conteúdos para os professores, servindo-lhes como orientação para seus próprios estudos, como foi o caso da primeira professora.

O COTIDIANO DAS ESCOLAS

Para levar a bom termo o desenvolvimento deste capítulo seria necessário conhecer o projeto político pedagógico das escolas, o que não me foi solicitado durante a realização dos quatro estágios. O cotidiano escolar poderia ser melhor observado se levássemos em conta as orientações contidas nestes documentos, seus objetivos e metas. Deste modo, seguem as considerações feitas nos relatórios de estágio, segundo as orientações recebidas dos meus professores de Estágio.

CARACTERIZAÇÃO DAS TURMAS

Em todas as situações, as alunas e alunos vêm de bairros de periferia, como já citado. Mas, além disso, qual o cotidiano desses jovens?

Começando pelas turmas do ensino médio regular, no horário matutino, o número de alunos matriculados gira em torno de 30 a 35, porém, nas aulas observadas, estiveram presentes até no máximo 25 alunos. O número de alunos que frequentam as aulas é maior nos terceiros anos.

Quanto aos livros didáticos de Sociologia foram usados: *Sociologia Hoje*, de Igor José de Renor Machado (Editora Ática, 2013), na E.E. Aurelina Palmeira ; e o *Sociologia: Volume Único*, de Silvia Maria de Araújo, Maria Aparecida Bridi e Benilze Lenzi Motim (Editora Scipione, 2013), na E.E. Correia das Neves. Tratam-se de livros didáticos aprovados no Programa Nacional do Livro Didático- PNLD.

São turmas tranquilas que são heterogêneas no quesito da aprendizagem, com pouca diferença geracional, embora a evasão escolar esteja presente na escola. Sobre o assunto, os Indicadores Básicos de

Alagoas informam que para todo o Estado a taxa de abandono/evasão do ensino médio, no período 2012-2015, foi 13,8%, mais do que o dobro da taxa brasileira (6,8%) (Alagoas, 2017, p.36).

Quanto às turmas do EJA da primeira escola e da escola seguinte onde acompanhei o período noturno, o que há tanto por parte dos professores quanto dos alunos é um cansaço constante. Muitos alunos saem do trabalho direto para a aula à noite, outros não trabalham, mas querem concluir o mais rápido possível, e migram para essa modalidade, pois a mesma oferece essa oportunidade. Trata-se de alunos mais velhos, sendo alguns considerados alunos especiais, que por conta da defasagem do oferecimento de uma educação inclusiva, migram para esse turno. No caso dos professores, o cansaço é subjetivo e moral, pois ocorre por desestímulo, bem como o cansaço físico de trabalhar em outras escolas durante o dia.

OBSERVAÇÃO EM SALA DO USO DE TEMAS E CONCEITOS ANTROPOLÓGICOS E SOCIOLOGICOS PELOS PROFESSORES E ALUNOS

É importante o professor se valer do estudo anterior dos clássicos da Sociologia a fim de unificar teoria e prática e conformar a conhecida mediação pedagógica. O trabalho permanente na sala de aula requer avaliação constante do professor e seu método de ensino, seus recursos didáticos, etc. Não é à toa que o central para o professor em qualquer disciplina é fornecer os conteúdos necessários ao entendimento do aluno e sua vida prática. No caso da Sociologia, de nada vale querer transformar os alunos em “sociólogos”, pois eles são alunos de ensino médio e não de Ciências Sociais, mas zelar pela aprendizagem de conceitos-chave na disciplina. Nesse sentido o ponto de partida do professor de Sociologia é o desenvolvimento do “estranhamento” e da “desnaturalização”, como recomendam as Orientações Curriculares Nacionais e os Parâmetros Curriculares Nacionais.

Bodart (2016), afirma ser o *estranhamento* o primeiro passo para desenvolver nos alunos que chegam ao ensino médio hoje impregnados do conhecimento primeiro, o do senso comum, a compreensão mínima de como opera a sociedade, tendo como ponto central a capacidade de questionamento das coisas como elas são. Isso só é possível em uma operação semelhante ao do ensino de Filosofia, que é dialógico e consiste no ato de fazer perguntas, que se mostra extremamente efetivo em perspectiva sociológica em sala de aula.

Sobre a segunda característica, o autor segue afirmando que “por desnaturalização chamamos a prática de olhar os fenômenos sociais justamente como sendo “sociais”, ou seja, fruto de relações sociais que se desenvolvem ao longo da História. Em outros termos, destacar que esses

fenômenos não são natural (fruto das determinações da natureza), mas resultados de interesses, conflitos e cooperações sociais e, portanto, possíveis de serem modificados.” (Bodart, 2016)

A desnaturalização é a capacidade de compreensão ou reconhecimento do mundo a sua volta não como obra divina, ou algo natural que sempre existiu desde o início da humanidade, mas é situado dentro de um conjunto de relações sociais específicas, ou seja, obra humana.

Falar dos instrumentos sócio-antropológicos para alunos e alunos é estar em conexão com a compreensão da sociedade por meio de uma perspectiva científica levando em conta os conhecimentos prévios desses alunos. Esses conhecimentos são necessários até mesmo para colocá-los à prova na realidade, confrontando-os com os debates sobre os diversos assuntos (racismo, política brasileira, etc.), seja com o objetivo de ampliar os conhecimentos ou mesmo superar o senso comum pela via da desnaturalização e problematização já tratadas no tópico anterior.

Um ponto importante é o da compreensão do conteúdo a partir da expressão musicada ou via audiovisual do conceito a ser trabalhado em questão. Para falarmos de um tema como globalização, o aluno pode pensar no smartphone a ser usado e qual a relação do mesmo com o mundo em que vive, percebendo que nesse smartphone está inserido um conjunto de relações sociais que contribuem para sua existência. Não é tão difícil desenvolver esse elemento relacional e sociológico no aluno, o problema está em saber conduzir a discussão de maneira correta, não infantilizando o mesmo.

A EDUCAÇÃO SEGUNDO OS CLÁSSICOS DA SOCIOLOGIA: DURKHEIM, WEBER E MARX

Para entendermos a importância da mediação pedagógica numa aula de Sociologia na escola média e seguindo o roteiro temático proposto em cada livro didático, vamos comentar de forma breve as contribuições dos autores clássicos do pensamento social sobre a educação.

Para o sociólogo Émile Durkheim educar envolve primeiro a compreensão do que em sua obra se chama de “mundo moral”. Em que constitui esse mundo? Seria composto pelas ideias aceitas por uma coletividade e unifica as consciências individuais. Esse mundo moral é composto de normatizações, sanções seja pela via da reprovação ou dos recursos jurídicos, e regularia os comportamentos individuais.

Como isso se aplica à educação? Durkheim afirma que o objetivo da educação coincide com o processo que chamamos de socialização. Socialização envolve a inserção do indivíduo na sociedade assim como o aprendizado de determinados comportamentos, ou seja, envolve um conjunto de atitudes com relação a si e ao outro que precisam ser repassadas. Isso vale tanto para uma educação mais fundamental para a vida em sociedade, não importa em que grupo esteja esse indivíduo, mas também a educação para aquele grupo profissional ou social, seja engenheiro, advogado, professor.

O sociólogo Max Weber, em contraposição a Durkheim, possui uma outra metodologia para tratar o tema do funcionamento da sociedade, e também possui contribuições sobre o processo educacional a partir desse método. Weber critica a “jaula de ferro” em que se transformou a educação em seus tempos, sendo ela burocrática e excessivamente racionalizada. Daí afirma ser a educação um processo pelo qual os indivíduos que

constantemente realizam ações sociais significativas são educados para a vida racionalizada do capitalismo. Weber afirma que a educação secularizada se transformou em uma educação com fins puramente administrativos. Esses fins dizem respeito a administração do Estado moderno, que necessitava de um corpo de funcionários especializados para administrar o aparelho burocrático. Por isso o autor afirma que educar envolve três processos: despertar do carisma, preparar o aluno para uma conduta de vida e transmissão de conhecimento especializado.

Karl Marx (2005), a partir da análise crítica da sociedade capitalista e seu funcionamento, debate o processo educacional em um contexto maior dos acontecimentos provocados pela Revolução Industrial e o acirramento dos conflitos das classes sociais fundamentais no capitalismo: burguesia e proletariado. Marx analisa a educação recebida pelos filhos dos trabalhadores ingleses para formular sua concepção emancipadora de educação, afirmando que a educação assim como todo o sistema capitalista tem como objetivo a reprodução das desigualdades sociais. Com base na análise da luta de classes enquanto motor da história, o autor expõe que a história dos homens é a história de diferentes formas de se relacionar com o trabalho. A forma como as pessoas exercem trabalho e transformam a natureza influencia as demais formas sociais da superestrutura política, jurídica e ideológica, incluindo a educação.

O CONTEÚDO DA REGÊNCIA

A aula sob minha responsabilidade- a regência- não me trouxe dificuldade pois naquele momento eu já tinha quase quatro anos de atuação como professor de Sociologia e Filosofia no ensino médio, portanto, já estava familiarizado com algumas práticas docentes. Contudo, me trouxe nova experiência, uma vez que já havia feito observação e estava na condição de aluno de graduação fazendo Estágio .

A minha primeira e única regência foi para o 2º ano B, onde trabalhei quatro conceitos na Sociologia: etnocentrismo, relativismo cultural, cultura como civilização e identidade cultural. Através da explicação dos conceitos e utilizando os exemplos das vivências dos alunos e alunas foi possível intercalar a explicação desses conceitos e desenvolvemos bom debate, a exemplo do tema “intolerância com as religiões de matriz afro”.

Não foi possível trabalhar com a regência com a professora dos terceiros anos, pois o calendário mudou de uma hora para outra (fato recorrente na rede estadual de ensino) para um conselho de classe que iria ser no dia de minha regência, prática recorrente na rede estadual de ensino. Seria uma discussão exclusivamente para o ENEM, facilitada por mim sobre o conceito de “modernidade líquida” a pedido dos próprios alunos e da professora

7.1. Observações

Nesta parte do relatório irei falar um pouco de minhas observações diretas durante os estágios e registrar os pontos positivos e negativos durante o processo.

7.1.1. Estágios 1 e 2

Nos primeiros encontros conversei com a então professora e ela confessou sentir se um pouco insegura para lidar com turmas de ensino médio, por sua habilidade maior no campo do ensino infantil. Comecei a acompanhar as suas aulas e percebi pontos positivos, de forma direta ou indireta, visando o ensino: explorar alguns aspectos do cotidiano e temas da atualidade. O tema em questão tratou da corrupção no Brasil.

Em uma aula para o EJA, percebi que a professora passou o mesmo tema e exercício na maioria das turmas observadas, sem levar em conta as desigualdades entre as turmas (maturação para o conteúdo, compreensão etc). Em apenas duas turmas, o 2º E e o 3º C, a professora explicou muito rapidamente sobre o conceito de política em Weber, de uma maneira bem geral. Pelo não conhecimento do RECEB e das OCNs, tratavam-se de temas aleatórios para os alunos, o que também percebi, pela condução que a professora deu em sala. Após a explicação, a professora passou uma redação de no mínimo 30 linhas sobre o tema para três turmas: 2º E, 3º C e o 1º F. Percebia-se que as turmas não seguiam um todo coerente no sentido dos assuntos a serem trabalhados em sala.

A recepção melhor ao conteúdo foi no 1º F . Apesar de mais jovens, durante toda a aula os alunos prestaram bastante atenção no que a professora dizia. Os alunos em sua maioria fizeram a atividade, apesar de ter sido a última aula, onde em geral os alunos ficam com pressa de ir

embora por conta do horário.

As recepções mais difíceis foram no 2º E e 3º C. Apesar de serem mais velhos, muitos estavam na aula por marcarem presença e só, além de não terem interesse no conteúdo e tampouco na disciplina. Para completar, a professora não deixou claro os seus objetivos de ensino. Tanto a turma quanto o desestímulo e pouco traquejo da professora na relação com os alunos influenciaram de forma negativa na aula.

7.1.2. Estágio 3

A experiência no estágio em questão foi mais corrida, e ao mesmo tempo mais completa enquanto observação de um professor de Sociologia. Apesar de a professora ser formada em Pedagogia, pois concluiu o curso em 2003 e ter duas especializações (Pedagogia Empresarial e Gestão de Pessoas), percebi uma melhor condução da turma por parte desta, visto que a aula não tinha interrupções que pudessem atrapalhar o andamento da aula e a explicação entendível da professora.

Destaque para uma observação feita durante uma aula sobre Movimentos Sociais para o 3º período EJA, cujo tema era sobre movimentos sociais. A aula foi uma apresentação do trabalho passado na aula anterior sobre o tema. Foi analisado os pontos ideológicos dos movimentos e suas características no sentido de demandas sociais. A professora ao se referir a alguns movimentos, como o Movimento dos Sem-Terra, às vezes utilizava de argumentos do senso comum para caracterizar os movimentos sociais. Podemos entender que esta não seria uma parte muito boa da aula, o que impedia uma compreensão mais profunda dos movimentos sociais para além de suas bandeiras, bem como de tratar do papel dos meios de comunicação de massa na deturpação das causas desses movimentos. Apesar de tudo, a apresentação correu muito

bem, tanto pelo boa exploração do livro didático quanto pela aprendizagem dos alunos.

Outro destaque é para uma aula no 1º período. A aula foi sobre sociologia clássica. Escreveu um resumo sobre o que é a sociologia e seu surgimento, para depois aprofundar nos autores clássicos. A professora escreveu no quadro um resumo com o título “As transformações da sociedade e as ciências sociais”. Promoveu um diálogo interessante com a realidade dos estudantes a partir do estudo do que são as ciências sociais de fato. O uso de exemplos que tratassem do tema das desigualdades sociais também foi uma característica marcante dessa aula, e especialmente a boa recepção da turma em questão. Essa turma é a que tinha maior disparidade geracional (pessoas com 16 a 40 anos em uma mesma sala) e mesmo assim a maioria dos alunos participou da aula.

7.1.3. Estágio 4

Aqui farei considerações sobre algumas aulas com conteúdos específicos que corresponderam a momentos importantes na minha compreensão sobre os debates em sala de aula de Sociologia no ensino médio, assim como pude identificar processos de desnaturalização e estranhamento, ao passo que houve valorização do conhecimento já existente entre os alunos.

a) Debate sobre políticas de ação afirmativa

Este debate ocorreu no meu momento de estágio com observação e

regência. As turmas em geral recebiam bem e prestavam atenção em cada debate feito. Destaque grande para uma aula no 2º ano B, onde o debate sobre cultura e identidade, com base no livro didático utilizado, promovido pela professora acabou por dar margem a um pequeno debate sobre as cotas raciais. Ficou evidenciado que existem diferentes percepções sobre o problema entre grupos distintos de alunos, na mesma sala. Por conta de um progressivo momento de reconhecimento de sua identidade (feminista, LGBT e negra) presente nos últimos anos, parcela expressiva da juventude residente nas periferias, público base da totalidade das escolas públicas estaduais e municipais, se assume enquanto negro ou LGBT, reconhecendo-se com um sujeito importante no processo educativo e bem aberto a debater temas em Sociologia. Quero salientar que questões conjunturais podem auxiliar o debate de determinados temas, se consideramos uma maior ou menor aproximação dos alunos, em suas experiências cotidianas.

Ocorreu com um bom andamento, que expressou duas posições dentro desse debate: um favorável, defendeu a necessidade de uma reparação histórica com os preconceitos herdados de uma cultura escravocrata no Brasil que prevalece até hoje, ora velada, ora agressivamente. Dessa forma a política de cotas não resolveria o problema em sua totalidade, mas seria um primeiro passo importante para tratar desigualmente os desiguais, como os defensores afirmam. Eu entendo que, em uma sociedade desigual, seria impossível tratar a desigualdade apenas ao nível da igualdade jurídica. Seria fundamental reconhecer a formação econômica e social do Brasil e seu passado (e presente) racista.

A outra posição contrária, que só foi manifestada por um aluno, disse que as cotas seria uma forma de “aumentar o racismo” e criar divisões, já que segundo a ideologia meritocrática, se a pessoa estudar, por si só ela consegue, pois todos são “iguais perante a lei” conforma afirma a

Constituição. Nesse sentido, essa posição ignora um conjunto de condicionantes externos que facilitariam ou dificultariam o acesso da juventude ao ensino superior, como a marginalização histórica da população negra.

b) Debate sobre Educação e Sociedade

Um outro debate em uma outra oportunidade tratou o tema educação e sociedade. Com base no livro didático, o debate foi produtivo. A turma se dividiu em grupos e a professora passou uma pesquisa sobre dois nomes centrais escolhidos, que foram importantes para esse debate. O educador brasileiro Paulo Freire e Malala Yousafzai, ativista pelos direitos humanos no Paquistão. A apresentação ocorre de forma tranquila, embora nem todos tenham feito o trabalho no prazo estipulado pela professora. A professora sempre que possível tentou fazer com que os estudantes refletissem, a partir dos conceitos e trajetórias de vida de ambos os educadores e ativistas o seu próprio contexto educacional em que viviam, chamando a atenção para o fato de estarem em uma escola pública relativamente organizada, mas que também tinha problemas como o de evasão.

Refletir de que forma a educação acaba sendo elitista, reproduzindo assim as desigualdades sociais vigentes em nossa sociabilidade capitalista foi o ponto de partida da professora. De que forma aqueles estudantes tendo acesso a uma educação pública não valorizavam o suficiente a educação que recebiam? Como propor estratégias de ação para reverter esse quadro? Dessa forma a professora conquistava a simpatia dos alunos e conseguia uma boa relação de reciprocidade com eles, pois os alunos viam que eram escutados. Assim como no debate sobre cotas, na medida em que os alunos se identificam com os temas estudados a participação em sala é estimulada.

Essa condução a fez ser vista como a “companheira mais velha”

dentre os alunos, e não como um professor afastado do contexto e da realidade deles. A relação entre os conceitos, que são muito importantes, para não dizer fundamentais, com a vivência do aluno precisa ser estabelecida, assim como realmente aconteceu no caso das apresentações, com todas as desigualdades presentes no perfil das turmas (umas mais agitadas, outras menos agitadas).

O processo educativo dessa forma foi visto como algo mais coletivo. Certamente estamos falando de um sistema estruturalmente tradicional. Porém algumas brechas foram usadas pela professora para dar maior dinamicidade a aula. Isso é fundamental em turmas de ensino médio.

c) Debate sobre Indústria cultural/ Diferença entre público e privado

A professora dos 3^o anos A e B passou um trabalho avaliativo. O tema foi sobre indústria cultural, dado tanto em Filosofia quanto em Sociologia. A professora passou um texto sobre a influência dos meios de comunicação de massa na formação de nossas opiniões e gostos sobre algo ou alguma coisa. É um exemplo bom para ser trabalhado com esse tema. Os alunos, em sua maioria fizeram a atividade e se saíram bem prestando atenção no que a professora falava, demonstrando interesse.

No terceiro ano A um grupo de estudantes se destacou mais e para além de fazer a atividade debateu com a professora em um determinado momento da aula, onde uma parcela ainda fazia a atividade por “obrigação”. Esse grupo refletiu um pouco do que é uma parcela da juventude hoje, que se reconhece em sua identidade (um dos meninos é LGBT), e conseguia se interessar pelos debates eventualmente conduzidos pela professora. Ou seja, mesmo numa estrutura tradicional de ensino as aulas de Sociologia no ensino médio criam oportunidades para uma maior participação em sala de aula.

No terceiro ano B, em um outro dia, a professora passou uma atividade avaliativa que tratou do tema da cidadania e a relação entre público e privado. Para além do livro didático, a professora utilizou o livro “Sociologia em Movimento”, trabalhando com a música do grupo Ultraje A Rigor, “Nós Vamos Invadir Sua Praia”, para fazer os alunos refletirem, proporem ações importantes de cidadania, a partir da compreensão do que é público e privado, e de como isso afeta o desenvolvimento de nossa cidadania.

O método avaliativo da professora nessa situação específica, em minha visão se deveu a dois condicionantes: um é a precarização máxima do ensino, outra é uma razão puramente pedagógica. Trabalhar com questões excessivamente conceituais, sem ligar com a realidade dos mesmos seria improdutivo. A própria pressão das escolas públicas e privadas quanto a aprovação automática contribui para isso, em certa medida. Mas o que pode ser extraído de positivo pedagogicamente é o interesse da professora em aproveitar essa brecha do sistema educacional para trabalhar esses temas.

As turmas do terceiro ano A e B variam entre a participação nos debates e a apatia, pois alguns estão querendo concluir logo o ensino médio. Apenas alguns grupos queriam aprofundar o debate proposto pela professora. Destaque no último dia de aula foi a agitação do 3^oA, um pouco antes do intervalo, contida pela professora. A propósito, é possível tratar os primeiros e segundos anos como melhores em participação do que os terceiros, não pela metodologia das professoras, mas pela dinâmica das turmas e seus propósitos, a forma como as turmas se enxergavam no contexto da escola, etc.

Não foi possível trabalhar com as regências com a professora dos terceiros anos, pois o calendário mudou de uma hora para outra para um conselho de classe que iria ser no dia de minha regência, prática recorrente

na rede estadual de ensino. Seria uma discussão exclusivamente para o ENEM, facilitada por mim sobre o conceito de “modernidade líquida” a pedido dos próprios alunos e da professora.

AUTOAVALIAÇÃO

Minha percepção dos estágios onde participei ativamente foi o fato de que essa experiência ter me servido para aprimorar a prática docente e desenvolver em maior grau a minha mediação pedagógica no trato com os alunos. Foi durante os Estágios que eu senti pela primeira vez que uma diferença grande em relação ao curso de Bacharelado. Entendo, de modo geral, que os Estágios funcionaram como o desenvolvimento de uma espécie de pesquisa educacional sobre as condições de trabalho docente, onde ao mesmo tempo o professor é pesquisador e sujeito, sendo assim um complemento importante para a minha compreensão tanto teórica como prática da profissão docente.

Ressalto novamente que conhecer o projeto político pedagógico de cada escola poderia ter contribuído para que eu tivesse uma visão mais ampliada sobre cada questão escolar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As experiências práticas e também do ponto de vista do estudo do ensino de Sociologia no ensino médio me proporcionaram a capacidade de reavaliação de pontos que sempre são passíveis de melhorias na chamada mediação pedagógica. Em geral, o professor precisa desenvolver a capacidade de se autoavaliar sempre, tanto em relação a sua pedagogia como também a relação professor e aluno e recursos didáticos usados. Isso se torna ainda mais pertinente quando se aplica ao professor de Sociologia.

Sabemos que a disciplina ainda não é de todo consolidada socialmente. Em meio aos zigzagues de retirada/manutenção da Sociologia como disciplina obrigatória na história brasileira, o conhecimento do que representa a disciplina hoje perpassa um bom

conhecimento do que foi a mesma em outros momentos e também requer compreender o que é de fato ensinar Sociologia. As categorias de estranhamento e desnaturalização trabalhadas neste relatório são um elemento comum à problematização de inúmeros pesquisadores na Sociologia da Educação e na Antropologia da Educação.

Ser professor de Sociologia é reavaliar-se sempre, estar sempre atento não só ao domínio de sua matéria, mas também atento aos métodos usados em sala de aula para trabalhar conceitos, teorias e temas com quem está conhecendo a disciplina pela primeira vez e se pergunta para que a mesma serve nas vidas deles. Fazer a diferença como professor de Sociologia é fundamental nesse processo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALAGOAS. Indicadores Básicos de Alagoas, v. 3, 2017. Disponível em <http://dados.al.gov.br/dataset>

ARAÚJO, Sílvia Maria de, et.al. *Sociologia: volume único: ensino médio*. Editora Scipione, São Paulo, 2013.

AFRANIO, et all. *Sociologia em Movimento*. 1ª ed. São Paulo: Ed. Moderna, 2013.

BODART, Cristiano. *Qual Sociologia queremos no Ensino Médio?* Disponível em: << <https://cafecomsociologia.com/2016/12/que-sociologia-queremos-no-ensino-medio.html>>>
Acesso em nov. 2017.

CIGALES, Marcelo Pinheiro. *O ensino de Sociologia no Brasil: perspectiva de análise a partir da história das disciplinas escolares*. Revista Café com Sociologia, v.3, nº 1., Jan.2014.

DURKHEIM, Émile. *Educação e Sociologia*. Editora Vozes, Rio de Janeiro, 2011.

FREIRE, Paulo. *Carta de Paulo Freire aos Professores*. Revista Estudos Avançados, 2001.

Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa.
São Paulo, Paz e Terra, 1996.

MACHADO, Igor José de Renó. et.al. *Sociologia Hoje: Volume Único*. São Paulo, Ática, 2013.

MARX; ENGELS. *Manifesto do Partido Comunista*, 2005. Boitempo.

RODRIGUES, Alberto Tosi. *Sociologia da Educação*. Rio de Janeiro. Lamparina, 2007.

WEBER, Max. *Economia e Sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*. Editora Universidade de Brasília, São Paulo, 2004.

ANEXOS

- I. PLANEJAMENTO DA REGÊNCIA (ESTÁGIO IV)
- II. QUESTÕES SOCIOLOGIA SOBRE INDÚSTRIA CULTURAL PARA OS TERCEIROS ANOS A E B (TEXTO EM ANEXO)
- III. QUESTÕES SOCIOLOGIA SOBRE CIDADANIA (EXTRAÍDAS DO LIVRO “SOCIOLOGIA EM MOVIMENTO”)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS

I. PLANO DE AULA – REGÊNCIA

Curso: Ciências Sociais
Disciplina: Estágio Supervisionado 4
Professor: Tomás Farcic Menk

SÉRIE: 2º ano B,

DURAÇÃO DA AULA: 50 minutos

DISCIPLINA: Sociologia

EIXO TEMÁTICO: Cultura e Etnocentrismo

EMENTA:

O objetivo desta aula é dar continuidade ao tema da cultura, trabalhando os conceitos de etnocentrismo, relativismo cultural, cultura como civilização e

identidade cultural. No decorrer da aula vamos trabalhar esses conceitos como interligados e entender como eles se aplicam a diversos temas atuais. Trabalharemos o conceito de *etnocentrismo* tendo como ponto de partida o seu significado em Sociologia, ou seja, a visão de sua cultura como superior as demais. De que forma expressamos atitudes etnocêntricas em nosso cotidiano? De que forma uma simples postura etnocêntrica, comum em todas as sociedades, e que se baseia no estranhamento, pode evoluir para uma conduta discriminatória contra certos grupos marginalizados, ou contra um outro povo? O que fazer para superar isso e quais são as possíveis atitudes que devemos tomar em nossas vidas para desconstruir essas posturas?

O *relativismo cultural* é uma atitude oposta ao etnocentrismo por trabalhar com o respeito à diversidade cultural. Dessa forma, não existiria uma cultura ou um povo “superior”, tampouco existiriam sociedades ditas “primitivas”. Cada sociedade construiria seus próprios valores e cultura, cabendo as demais culturas que em um primeiro momento se sentirem tomadas pelo estranhamento, respeitar essas manifestações e o direito à identidade cultural, do que falaremos agora.

Definimos *identidade cultural* como a marca característica de um grupo social, que compartilha de uma série de valores, ideais e costumes passados ao longo das gerações em sua história. Como identificar nossa identidade cultural?

De que forma o conceito de cultura foi trabalhado ao longo dos contextos históricos? A diferença entre cultura e civilização foi um debate muito marcado por posições dos momentos históricos do século XVIII e XIX. Cultura, nessa época, esteve muito influenciada pela noção de progresso e

“bons costumes”. Veremos como esse conceito mudou ao longo do tempo com o fim da hegemonia da antropologia evolucionista e o surgimento de novas preocupações, especialmente dialogando com a Antropologia do século XX (estrutural-funcionalismo, Franz Boas etc)

OBJETIVOS

- Caracterizar o que é etnocentrismo e como perceber as suas manifestações em nossa sociedade, desde as que evoluem para preconceito cultural ou as manifestações mais sutis.
- Compreender as identidades culturais de outros países e sociedades a partir dos conceitos de identidade cultural
- Desenvolver competências/habilidades fundamentais para o respeito às diferenças religiosas e culturais.

METODOLOGIA

1.Recursos didáticos

- Aula expositiva e ao mesmo tempo dialógica. Quadro e piloto.

2.Avaliação

- Analisar a participação e o bom entendimento dos alunos dos conceitos trabalhados em sala.

REFERÊNCIAS:

ARAÚJO, Sílvia Maria de, et.al. *Sociologia: volume único: ensino médio*.
Pg.124-129, Editora Scipione, São Paulo, 2013.

II. QUESTÕES SOCIOLOGIA SOBRE INDÚSTRIA CULTURAL PARA OS TERCEIROS ANOS A E B

- 1) Analise o texto e responda se os meios de comunicação tem o poder de influenciar sua opinião. Justifique sua resposta.
- 2) Qual a razão você considera mais importante para a mídia filtrar o que comunica ao público?
- 3) Como cidadão, o que você pode mudar e obter a liberdade de tomar a decisão sem manipulação?

III. QUESTÕES SOCIOLOGIA SOBRE CIDADANIA (EXTRAÍDAS DO LIVRO “SOCIOLOGIA EM MOVIMENTO”)

- 1) Se a praia é um lugar público, por que algumas pessoas a freqüentam e outras não?
- 2) O pertencimento a uma classe social pode se tornar uma barreira para a livre circulação nos espaços da cidade?